

Sara e Nina vestem clássicos da fossa de modernidade

PÁGINA 2



Longa premiado 'Dheepan' chega à grade da MUBI

PÁGINA 5



A impossibilidade de comunicação chega aos palcos

PÁGINA 7



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

O mestre Milton Nascimento já nos ensinou que todo artista tem de ir aonde

o povo está. E foi com esse espírito que o cantor compositor Marcelo Jeneci, sanfoneiro por vocação, lança o álbum "Night Clube Forró Latino (Volume I)", em que abre mão de sua autoralidade para lembrar um território sonoro afetivo que remete ao seu início de carreira.

"Eu me criei entre sanfonas e equipamentos eletrônicos, meu pai, seu Manoel Jeneci, de Sairé, era o maior eletrificador de sanfona do Brasil! Do Nordeste para o Brasil. Foi então que eu recebi de um amigo dele meu primeiro fole. Que presente, Dominginhos... Daí em diante virei músico, sanfoneiro", conta o músico na faixa "Jeneci por Jeneci" em que reafirma sua profissão de fé como artista.

"Na minha estrada, eu tocava e ouvia o que o povo pedia nas rádios. Roberto Carlos, Julio Iglesias, os bregas românticos, as companhias do pagode, do pop às duplas sertanejas. E eu sempre com a minha sanfona. Dá pra tocar tudo na sanfona! E assim toco a vida; nas estradas, com meus amigos, e já não destaco o dia da noite. Comigo, nas boates e nos night clubs latinos por aí, de Pabllo Vittar a Luiz Gonzaga, de Caetano Veloso à maravilhosa Mendonça é tudo forró", afirma o artista.

Fruto de uma pesquisa apurada feita em conjunto com Marcel Klemm, Juba Carvalho, Luiz Araujo e Helder Lopes, o repertório do álbum é radiofônico e nasce da



Hugo Sá/Divulgação

Marcelo Jeneci faz do álbum uma viagem no tempo em que tocava em pequenas boates e night clubs

'Dá para tocar tudo na sanfona'

Ao som de sua sanfona, Marcelo Jeneci mergulha no clima do Brasil profundo e trabalha com o pagode, brega romântico, sertanejo e ritmos latinos em seu novo disco 'Night Club Forró Latino Vol. 1'

rádio para as rádios, cinema e telenovelas.

A canção "Amor de Que", sucesso de Pabllo Vittar, ganha na voz de Jeneci e João Gomes um elegante ambiente entre o xote e a bachata paraguaia. Deslocamento este que inaugura e instiga a audição do disco.

"Um Sonhador", da dupla sertaneja Leandro e Leonardo, fortalece a dança num ambiente forrozeiro.

De Marília Mendonça, a faixa "Sei de Cor", com Gaby Amarantos e Jeneci, reafirma o clima de festa latina com os vocais da rainha do brega paraense e uma instrumentação nordestina-cubana.

O clássico reggae de Edson Gomes, "Árvore", celebra a longa união entre Chico Cesar e Marcelo Jeneci, onde a zabumba de Mestre Bastos, os timbales e quiro de Juba

Carvalho, e o tradicional violão três cubano de Ed Woski, desfazem fronteiras entre o xote de Caruaru, o reggae maranhense e a cumbia colombiana.

De Jorge Aragão, a bela "Eu e Você Sempre" ganha força novelística e radiofônica com a comovente interpretação de Jeneci e sua sanfona em ambiente arabesco.

Outra pérola de nossa canção

popular, "A Lua e Eu", grande momento da soul music brasileira, de Cassiano, ganha tom de alegria, se despedindo da tristeza e apontando a seta da vida pra frente.

"Night Clube Forró Latino (Volume I)", que já sugere um novo tomo, evoca a rua, a noite, a festa, o como lidar com as desilusões amorosas, abrindo um rasgo de paixão pela vida como ela é.

CORREIO CULTURAL

Felipe Azevedo/ MAM



Apenas a Cinemateca do MAM seguirá suas atividades

MAM interrompe exposições e se prepara para receber o G20

Os espaços expositivos do Museu de Arte Moderna estão fechados, enquanto o local passa por reformas para se preparar para receber a cúpula do G20 em novembro. Segundo um comunicado da instituição, as exposições estão fechadas desde 26 de maio permanecendo assim até dezembro. A Cinemateca do MAM continua

funcionando normalmente. “O MAM Rio se sente honrado por ter sido convidado pela Prefeitura para sediar o G20. Além de refletir a alma e história da cultura brasileira, o museu é uma casa natural para grandes eventos, como já demonstrou ao longo de sua história”, diz Paulo Vieira, diretor executivo do MAM.

Atraso faz parte

Madonna está enfrentando uma ação judicial coletiva que tenta estabelecer um tempo limite para o início de seus shows, movida contra a cantora após diversos atrasos para o início de suas apresentações cada vez mais frequentes.

Renovação

Principal estrela da RedeTV!, onde apresenta o Superpop desde 2001 em horário nobre, a apresentadora Luciana Gimenez acertou sua renovação de contrato com a emissora de Amilcare Dallevo Jr e Marcelo de Carvalho. O novo vínculo vai até 2027.

Atraso faz parte II

Em resposta ao processo, Madonna argumentou que seus fãs verdadeiros sabem que ela costuma subir ao palco depois do horário programado e que o horário impresso nos ingressos não é uma indicação de quando ela irá começar o show.

Vida de criança

O ator Tonio Carvalho lança nesta quarta (5) na Livraria da Travessa de Botafogo “Erês, guris, bacuris e outros Putos” (Ed. Kimera), sua primeira obra literária para adultos, para falar sobre as diversas realidades das crianças no país.

Imagine canções de cortar os pulsos como “Meu mundo caiu”, “Risque”, e “Fracassamos”, que inauguraram a sofrência na música brasileira nos anos 1940, só que rearranjadas e versadas para o pop, a disco music e o rock. Pois foi isso que as drag-queens cantoras Sara e Nina fizeram ao gravarem o LP “Minhas Mulheres Tristes - Uma Ode Furiosa ao Samba-canção”, lançado também nas plataformas digitais e com um show que estreou em dezembro.

O trabalho agora será novamente apresentado ao vivo, em dois espaços: no Dolores Club, nesta sexta-feira (7) e na Arena Chacrinha, em Pedra de Guaratiba no dia seguinte.

Com “Minhas Mulheres Tristes”, a dupla relê e ressignifica clássicos que foram grandes sucessos nacionais na voz das grandes divas da música entre as décadas de 1940 e 1970, como Dalva de Oliveira, Maysa, Dolores Duran, Linda e Dircinha Batista, entre outras. No disco, Gabriel Sanches e Alessandro Brandão, os atores-cantores por trás das duas drag-queens, reverenciam esse primoroso repertório totalmente rearranjado pelo diretor e produtor musical Pedro Barbosa, e gravado em LP, formato usado por aquelas grandes vozes.

Novas referências

Músicas como “Fracassamos”, eterna em Dalva de Oliveira, chegam a 2024 com ecos do soul de “Back to Black” de Amy Winehouse misturado ao “Lago dos Cisnes”, e “Vingança”, dramática obra-prima de Lupicínio Rodrigues, é apresentada num clima à la The Strokes. “Segredo”, traz uma mistura do arranjo original com pitadas de “I Never Can Say Good Bye” e “Can’t Take My Eyes Off You”, hits de Gloria Gaynor. “Risque”, por sua vez, ganhou guitarras roqueiras e pitadas de “Stop In The Name Of Love”, célebre sucesso de Diana Ross nos tempos das Supremes. Já “A Grande Verdade”, foi repaginada pelo produtor com influências de Baby Consuelo e Os Novos Baianos na cabeça.

No show, “Minhas Mulheres Tristes”, Sara e Nina apresentam



Sofrência em modo hard

Sara e Nina construíram juntas um histórico de atuação artística/musical engajado e em diálogo com questões de gênero e sexualidade

Drags Sara e Nina ressignificam clássicos do samba-canção com arranjos variados, do rock indie à disco music, no álbum ‘Mulheres Tristes’

o sofisticado repertório do álbum além de incorporar suas vivências pessoais e artísticas na roupagem musical e dramática do repertório. O cenário e os figurinos trazem uma estética avermelhada pela paixão das letras das canções, com a reinvenção do glamour da época.

No palco Sara e Nina são acompanhadas por um trio formado pelos músicos Arthur Martau (bateria e direção musical), Antonio Fischer-Band (teclado) e Paulo Emmery (baixo).

As apresentações da dupla também contam com a abertura especial de Maria Navalha, entidade da Umbanda que carrega a energia

dos povos de rua, de Exu, abrindo caminhos, honrando o passado e criando a possibilidade de presente próspero.

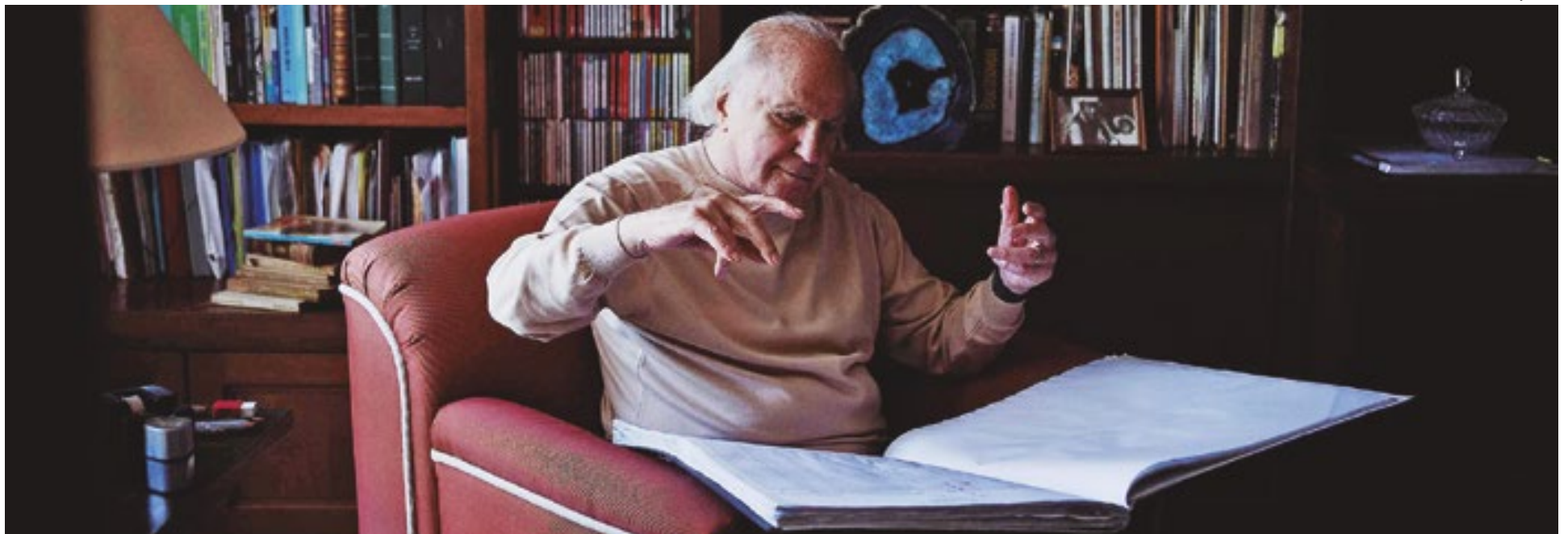
Vozes de coragem

As 12 canções do LP são sucessos compostos ou cantados por mulheres que, à época, tiveram a coragem de dar voz às trações sofridas, lutas empreendidas, vontades e desejos. Num tempo em que o machismo encontrava menos resistência. “A força do feminino está em cada palavra dessas letras, a potência que elas tinham e continuam a ter. E a sociedade patriarcal tem medo dessa força tão densa e imensa. Por isso é importante exaltar essas mulheres que tiveram coragem pra falar tudo o que elas falavam. Trazer essa nova roupagem para essas letras e músicas tão conhecidas cria novas fricções na sociedade”, comenta Alessandro Brandão, a Nina.

SERVIÇO

SARA E NINA - MINHAS MULHERES TRISTES

Dolores Club (Rua do Lavradio, 10) | 7/6, às 21h | R\$ 60 e R\$ 40 (antecipado)



Karabtchevsky em sua casa na Gávea. O maestro está prestes a iniciar sua primeira turnê internacional regendo a Petrobras Sinfônica

Por **Gustavo Zeitel** (Folhapress)

Não se ouvia nada além do vento, soprando o frescor de sua brisa nas árvores. Era uma manhã de outono e, no alto de uma ladeira na Gávea, na zona sul carioca, Isaac Karabtchevsky se preparava para mais um dia de estudos no escritório da sua casa, incrustada na Floresta da Tijuca.

Figura central da cultura brasileira, o maestro mais importante do país não tem uma fórmula para a longevidade que o mantém no pódio, às vésperas de comemorar, em dezembro, os seus 90 anos.

Talvez o segredo seja o idealismo que deixa transparecer ao pontuar cada frase com um sorriso pacificador, um contraste com a voz grave, a postura ereta e os cabelos ainda esvoaçantes.

Atando as duas pontas da vida, ele combina seriedade, para reger a Orquestra Petrobras Sinfônica, a Opes, na primeira turnê internacional em 49 anos de existência do conjunto, com serenidade, a fim de lidar com os dilemas que o noticiário apresenta à sua música, fundada numa experiência judaica.

Sionista, o maestro está espantado com a guerra entre Israel e Hamas, que já vitimou mais de 30 mil pessoas. “Estou absolutamente convicto de que a solução passará pelo reconhecimento de dois Estados,

Um maestro para reger o coro pela paz

Isaac Karabtchevsky faz 90 anos, sai em turnê internacional e pede reconhecimento da Palestina

que sejam civilizados, não basta ter dois Estados”, diz ele.

“Israel tem o direito de se defender, mas precisa renunciar às características ideológicas que fazem com que o país se confronte periodicamente com os povos vizinhos. Tem de se achar uma solução, porque é impossível viver num lugar com essas mortes contínuas e isoladas.”

Diante do horror, Karabtchevsky teme a crescente hostilidade aos judeus no Brasil, mesmo em setores progressistas da sociedade. “Tenho receio de que esse antissemitismo se solidifique na cultura brasileira e se torne um elemento propulsor do ódio”, afirma.

Sua imagem do país, contudo, ainda transfigura a terra prometida em um país tropical, onde as adversidades seriam superadas pela música. “Penso que o Brasil acolheu

os meus pais. A minha gratidão não vai mudar. Eu me sinto brasileiro e amo o Brasil.” Não havia outra opção senão reger Heitor Villa-Lobos durante a turnê.

A Opes vai interpretar as “Bachianas Brasileiras nº 4 e nº 9”, na viagem, que começa daqui a três semanas no Teatro Solís, em Montevideo, Uruguai, e segue em excursão pela Argentina, onde a orquestra tocará nas cidades de Rosário, Córdoba e na capital Buenos Aires.

Por ironia, as populares nove “Bachianas Brasileiras”, compostas entre 1930 e 1945, datam de um período neoclássico do artista, que não demonstrou, na série, toda a sua vocação modernista.

É uma ambiguidade que incomoda os maestros ao longo do tempo. “Já pensei muito nessa questão, mas Villa-Lobos não poderia ser indiferente às peripécias contrapon-

tísticas de Bach”, diz o maestro, citando o gênio alemão que inspirou as “Bachianas”. Karabtchevsky diz que Villa-Lobos ainda não é reconhecido ao redor do mundo.

Ao longo de sete décadas de carreira, o regente afirma ter visto momentos de maior projeção, mas sente falta de artistas que levem sua obra para o exterior.

No programa, as peças do modernista brasileiro serão antecedidas pelo “Concerto para Piano nº 2”, composto em 1900 pelo russo Serguei Rachmaninoff, com Jean-Louis Steurman como solista. Antes da viagem, a orquestra se apresentará no Theatro Municipal.

Fundada pelo maestro Armando Prazeres, a Opes é, há quase quatro décadas, patrocinada pela Petrobras. À frente do conjunto desde 2003, Karabtchevsky afirma que a prioridade, num primeiro momen-

to, era tornar a Opes conhecida em todo o território nacional, antes de se apresentar em salas de outros países.

São os instrumentistas que definem a administração do conjunto. Nada que tire a autoridade de seu regente. “As minhas ideias sempre são respeitadas sem nenhuma imposição draconiana. Sou meio mal-encarado nos ensaios mesmo, porque às vezes perco a paciência.”

Karabtchevsky é de uma época em que nem se cogitava criar uma relação hierárquica menos vertical entre os músicos e o maestro. De todo modo, ele é lembrado como uma influência para as gerações mais jovens. “Tenho muito orgulho de ter sido seu aluno de regência e, a cada vez que o vejo reger, fico mais assombrado com sua energia e tamanha maturidade musical”, diz Carlos Prazeres, diretor da Orquestra Sinfônica da Bahia, e filho de Armando.

O violonista Arthur Nestrovski, diretor artístico da Osesp de 2010 a 2022, enfatiza a importância de cada maestro exercitar o seu carisma para ganhar diferentes públicos, o que, segundo ele, é um diferencial de Karabtchevsky. “Só Isaac teria carisma bastante para lotar a Sala São Paulo três vezes com uma obra como o ‘Gurrelieder’, de Schoenberg”, diz Nestrovski. O violonista define a personalidade do maestro, se valendo de um dito milenar judaico: “mais vida à vida”.

Eminem reaparece

após quatro anos sem lançamentos

Single e clipe da faixa 'Houdini' dá largada para a chegada do 12º álbum de estúdio do rapper

Sem lançar álbuns desde 2020, Eminem retorna com "Houdini", um single contundente acompanhado de um vídeo repleto de convidados especiais. O lançamento é a primeira amostra de "The Death of Slim Shady (Coup De Grâce)", seu 12º trabalho de estúdio, que será lançado nos próximos meses. O clipe termina com o mágico David Blaine comendo

uma taça de vinho e o rapper declarando: "Bem, como meu último truque, vou fazer minha carreira desaparecer".

"Houdini" foi produzida pelo próprio Eminem e, bem de acordo com o tema, traz um sample do sucesso de 1982 da Steve Miller Band, "Abracadabra".

O clipe imagina o personagem antagonista de Eminem (Slim Shady) sendo trazido por um portal



Eminem em cena do clipe de 'Houdini'

até os dias atuais e ficando confuso e perturbado com o que vê em 2024. Ele então parte em missão, determinado a transformar a era moderna em um lugar mais adequado à sua visão de mundo única. Somente o alter ego de Eminem (Rap Boy) pode salvar o mundo de Shady, juntamente com seu men-

tor, o lendário Dr. Dre.

Em um esforço para neutralizar essas ações nefastas, as coisas dão errado e uma versão híbrida profana de Eminem é criada. O Dr. Dre não fica muito animado com os resultados e, às pressas, deixa o híbrido Shady para continuar sozinho... até que um estranho errante se junta a

ele e assume o controle.

Dirigido por seu colaborador de longa data Rich Lee, o vídeo de "Houdini" remete livremente aos clipes de Eminem, como "Without Me", de Joseph Khan, e "Real Slim Shady", de Phillip Atwell.

"Houdini" está repleto de participações especiais, incluindo Dr. Dre, Pete Davidson, Snoop Dogg, 50 Cent, Jimmy Iovine, Grip, Westside Boogie, Denaun Porter, Royce 5' 9", Paul Rosenberg, The Alchemist, EZ Mil, Ryan Keely, Samantha Mack e o comediante Shane Gillis. A IA generativa usada no vídeo foi criada pela Metaphysic.

"The Death of Slim Shady (Coup De Grâce)" será o primeiro álbum de Eminem desde "Music to Be Murdered By", que não apenas alcançou o topo da Billboard 200, mas também foi o décimo álbum do artista a conseguir a façanha. O novo trabalho tem uma lista de convidados que abrange várias gerações e gêneros, desde Dr. Dre até Ed Sheeran e Juice Wrld.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Quebrando recordes

Lançada em 4 de maio, "Not Like Us", de Kendrick Lamar, se tornou um hit instantâneo tanto nos EUA quanto internacionalmente, acumulando recordes. Apenas três dias pós seu lançamento, a faixa quebrou o recorde de maior número de streams do Spotify em um único dia para uma música hip-hop nos Estados Unidos. No dia seguinte, foi a vez de quebrar o recorde em nível global. "Not Like Us" também levou Kendrick Lamar ao topo da Billboard Hot 100 da semana de 18 de maio, contabilizando 70,9 milhões de streams.

Divulgação



Divulgação

Seu Jorge bate ponto

Em sua nova fase com canções em português, o misterioso grupo Paradise Guerrilla conta com uma participação especial de peso em seu novo single, "Um Dia sem Você". Seu Jorge e seu vozeirão característicos batem ponto na faixa de um modo completamente diferente de tudo que já foi ouvido dele. A canção mistura orquestra de cordas a beats de trap e um solo de guitarra marcante. Banda misteriosa que une música pop e ficção científica, Paradise Guerrilla é uma banda formada por dois seres interdimensionais, Frankstation e U.F.O., e uma terráquea, Starlight.



Divulgação

Vulnerabilidade

Montell Fish lança a faixa "Who Did You Touch?", o primeiro single de seu próximo álbum, "Charlotte", que terá lançamento nos próximos meses pela Virgin Records. "Who Did You Touch?" evoca a energia pulsante de uma boate parisiense. O artista incorpora ciúmes e vulnerabilidade, repetindo a dolorosa pergunta feita no título. "Por que você achou que eu não descobriria?" ele canta no refrão, com sua voz presa em algum lugar entre a resignação dolorida e a desesperação. A música de Fish é marcada pelo lirismo assombrado e pela emoção profundamente sentida.

Divulgação



A MUBI exhibe 'Dheepan', longa sobre refugiados do Sri Lanka laureado em Cannes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quando o musical “Emilia Pérez” foi projetado no Festival de Cannes, o clima de “já ganhou” cercou o novo filme do francês Jaques Audiard, que acabou abocanhando o Prêmio do Júri e um prêmio coletivo de atuação para suas atrizes, entre elas Karla Sofía Gascón. É dela o papel título. É a trama de um chefe de cartel mexicano que resolve transicionar de gênero atrás de sua identidade.

É um enredo que causou polêmica, traduzido numa linguagem de canto e dança surpreendente. Mas não foi a primeira vez que Audiard sacudiu Cannes. É dele um dos mais polêmicos ganhadores de Palma de Ouro da História: “Dheepan - O Refúgio”.

Com o êxito do mais recente exercício autoral do cineasta, essa produção de 2015 ganha nova visibilidade e procura, agora com a ajuda da MUBI. É possível rever esse thriller social no www.mubi.com.

Aliás, um dos últimos longas-metragens desse refinado diretor, o faroeste “Os Irmãos Sisters”, de 2018, segue inédito por aqui. É da natureza do cinema moderno - primeiro o neorealismo, depois o cinemanovismo e, na sequência, o boom documental dos anos 1990/2000 - assumir a vitimização como uma ferramenta para o revisionismo sociológico. De “Ladrões de Bicicleta” (1948) a “Vidas Secas” (1963), do marxismo de Ken Loach (“Kes”) ao inconformismo de Walter Salles (em “Linha de Passe”), chegando à

Refúgio da discórdia

Em meio ao sucesso de ‘Emilia Pérez’ em Cannes, filme anterior de Jacques Audiard que ganhou a Palma de Ouro, ‘Dheepan’, ganha nova visibilidade na MUBI

Nueva Onda latino-americana da década de 2000, diretores responsáveis por usar a câmera para “escrever” a poética política da exclusão retrataram pobres como vítimas, calcando-se em fatos, mas também num olhar paternal nietzschiano.

Mais do que a opressão, a pobreza sugeria um estado de desemprego e imobilidade, calcado em personagens desprotegidos, à mercê da submissão. A imobilidade financeira talvez até não comportasse metáforas, mas por que assumir uma imobilidade existencial nos personagens, como muito se fez? Essa é a questão que “Dheepan” abriu. E se essa lógica de paralelismo entre cordeiros e aves de rapina, entre periferia e centro, pudesse se inverter e, no lugar de um carneiro manso, a “vítima” das hipocrisias do assistencialismo, da indiferença do Estado e da invisibilidade

econômica fosse um bárbaro selvagem, com total domínio da artesanaria da Morte, apto a lutar, atirar, manejar facões? É essa reflexão que Audiard traz, numa estrutura narrativa afinadíssima com os códigos dos filmes de ação e também com a tradição social do Velho Mundo, aqui refinada por uma montagem regada a adrenalina.

Sua coroação com a Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2015 foi mais do que honra ao mérito de sua percepção socioantropológica e de seu humanismo, mas também um (merecido) reconhecimento às contribuições de Audiard ao cinema de nosso tempo - em especial o cinema de sua pátria, a França. O cineasta é um campeão de bilheteria com interseções de gêneros como o drama carcerário com alma de filme de gangster “O Profeta” (visto por 1,3 milhão de franceses em 2009)

e o melodrama com musculatura de thriller criminal “Ferrugem e Osso” (prestigiado por 1,8 milhão de pagantes na França em 2012). São amostras do chamado “blockbuster de autor”: longas de risco na pesquisa formal que consegue falar com multidões e gerar boca a boca. “Dheepan” arrancou em seu primeiro mês em cartaz chegando à casa dos 548 mil ingressos vendidos no país natal do realizador, sem ter rosto famoso algum no qual se apoiar. Sua grife é sua estética: o folhetim armado. Seu protagonista, Jesuthasan Antonythasan, é um escritor que, dos 16 aos 19 anos, integrou um movimento militante no Sri Lanka. Com uma retidão assombrosa, Antonythasan interpreta Dheepan, soldado com mais de uma década de mortes nas costas que decide virar as costas para os movimentos armados de seu país e tentar a sorte na Europa. Por um acordo político ilegal, ele precisa levar consigo a menina Illayaal (Claudine Vinasithamby) e a jovem Yalini (a indiana Kalieaswari Srinivasan), como se elas fossem sua filha e sua mulher. Ele aceita e inicia uma vida com as duas - sem muitos laços de afeto - na França, trabalhando como vendedor de bugigangas pelas ruas até assumir um serviço de zelador em um conjunto habitacional assolado pelo tráfico de drogas.

Além de impressionar pela conversão de um não-ator em uma força da natureza dramática, “Dheepan - O Refúgio” surpreende - e a surpresa aumenta quando o filme é visto uma segunda ou uma terceira vez - pela habilidade de Audiard em alterar o foco do nosso olhar. Ele converte o que parece ser uma crônica politizada sobre a acomodação de uma massa de desvalidos econômicos em um espetáculo belicista de grudar plateia na poltrona, com ecos de “Cidade de Deus” (2002). Dheepan trocou de pátria e de caminho, optando pelo Bem, mas não deixa morrer o matador que existia dentro dele. E Audiard, mestre absoluto hoje na França em representar confrontos a chumbo quente, cria sequências de combate padrão Stallone, com seu protagonista virando vigilante em nome de uma palavra cada vez mais ausente das relações sociais: o amor. No visual, a fotógrafa Éponine Momeceau (uma colorista de formação, com traquejo na seara documental) nos mostra uma França suburbana suja, poluída de dispersões e revivificada pelo colorido das peles de imigrantes que, como Dheepan, estão para desenhar uma nova realidade. Uma realidade mestiça e amorosa, como num cão que afaga, mas também sabe morder, sem precisar latir para isso.

Ainda na MUBI há um outro longa pouco falado de Audiard: “Paris, 13º Distrito” (2021).

'Quando se mora em favela, a vida do crime permeia você'

Divulgação

Babu Santana fala de seu violento personagem na série 'O Jogo que Mudou a História', produção Globoplay que estreia dia 13



Para Babu Santana, os piores momentos da produção foram as filmagens no desativado Presídio Frei Caneca: 'A energia era ruim'

O ator Babu Santana está prestes a aparecer na série original Globoplay "O Jogo que Mudou a História" de uma forma muito diferente. Por mais que esteja acostumado a figurar em tramas que abordem a violência, a partir do dia 13, ele dará vida a um homem cruel cujas cenas gravadas podem chocar muita

gente - sobretudo no primeiro episódio.

Em papo com a imprensa na última segunda-feira (3), o artista contou um pouco sobre o que o público poderá esperar de seu trabalho e do projeto em si, cuja produção e criação são do líder

do AfroReggae Audiovisual, José Junior.

"Não queremos passar a mão na cabeça de ninguém, mas mostrar a realidade", comenta. "Há um olhar de dentro dessa confusão, principalmente de quem mora nas comunidades, e isso é importante

para nortear a trama. Não vamos mostrar só os caras malvados, mas todo o contexto", conta ele, intérprete do membro da facção criminosa Turma do Fundão.

A trama se passa no Rio de Janeiro das décadas de 1970 e 1980 e aborda uma guerra de dentro

do presídio de Ilha Grande que se estende às favelas e invade até mesmo o campo de futebol com uma fatídica e trágica partida. Em dez episódios, o público vai entrar com tudo na briga entre a falange Jacaré e a Turma do Fundão que durou 25 anos.

Na história, há muitas cenas fortes e violentas, mas nada que Babu já não possa ter presenciado. Ele, até hoje, é morador do Vidiagal, uma das maiores favelas do país. "É engraçado ver isso relatado e algumas pessoas ficarem impressionadas com coisas que eram do nosso dia a dia. Por muito tempo, a gente normalizou isso. Quando se mora em favela, a vida do crime permeia você", afirma.

Segundo ele, na favela onde mora, há um ditado: "Fecho contigo, mas não fecho com sua vacilação. A favela tem muita alegria, apesar da carência. Vai ser bom contar uma história como essa", diz.

De acordo com Babu, em nenhum momento o elenco se sentiu amedrontado por gravar em favelas reais como a Rocinha. "Mas tensão mesmo foi quando precisamos ir filmar no presídio Frei Caneca, já desabitado. A energia era ruim", relembra.

'Bridgerton' volta à Netflix buscando novos recordes

Plataforma lança trailer oficial da nova leva de episódios que será exibida a partir do dia 13

A 3ª temporada de "Bridgerton", um dos carros-chefes de audiência da Netflix, deixa os fãs do novo casal afritos. Penelope Featherington (Nicola Coughlan), que passou por uma transformação na nova leva de episódios, consegue conquistar o melhor amigo Colin Bridgerton (Luke Newton), por quem sempre foi apaixonada.

A segunda parte da nova leva

de episódios criada pelo produtor e roteirista Chris Van Dusen chega ao serviço de streaming na próxima quinta-feira (13) no rastro de popularidade deixado pela primeira parte da terceira temporada. A estreia da primeira parte bateu recorde de audiência na Netflix.

De acordo com a Variety, foi a maior estreia da história da série, registrando mais de 45,1 milhões de visualizações durante os pri-



Liam Daniel/Netflix

Luke Newton (Colin Bridgerton) e Nicola Coughlan (Penelope Featherington) em cena da terceira temporada de 'Bridgerton'

meiros três dias de exibição.

Nesses novos episódios, o segredo de Penelope pode colocar seu casamento com o jovem à

prova. Penelope é Lady Whistledown, autora por trás de folhetos com novidades e fofocas, e que abala os círculos sociais da alta so-

cidade londrina da era vitoriana.

Para atizar o interesse dos fãs da série, a Netflix divulgou nesta semana o trailer oficial da nova temporada. Nas cenas exibidas ao público, Penelope continua brigada com Eloise, irmã de Colin, que sabe seu segredo e ameaça revelá-lo ao irmão caso ela mesma não conte.

No início de maio, os protagonistas da série, que estreou na Netflix em dezembro de 2020, estiveram no Brasil e conheceram bares badalados do Rio, provaram caipirinha e circularam pela orla da praia de Copacabana.

O primeiro ano de Bridgerton ficou em segundo lugar entre as séries de língua inglesa mais assistidas na Netflix, com 6,4 milhões de contas (ou 52,7 milhões de horas), enquanto o segundo ano veio em quarto, com 5,3 milhões de contas (ou 44,7 milhões de horas).

O espetáculo 'Língua' leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses universais na comunicação

Como realizar um espetáculo teatral bilíngue (em português e em Libras) que não coloque a condição de surdez como tema central da história? Como fazer com que essa trama seja acessível ao público ouvinte e surdo sem que haja um intérprete tradutor de Libras no canto do palco? Como criar uma dramaturgia inédita que se propõe a assimilar a cultura surda e suas referências estéticas? Esses foram os principais desafios de "Língua", encenação dirigida por Vinicius Arneiro, que estreia nesta quinta-feira (6), no Sesc Copacabana, na busca de estimular reflexões sobre convivência, comunicação e os possíveis novos rumos nas práticas de acessibilidade.

Assinada por Pedro Emanuel e Vinicius Arneiro, com interlocução de Catherine Moreira, a dramaturgia foi criada em sala de ensaio com o elenco, que reúne Erika Retzl, Filipe Codeço, Jhonatas Narciso, Luíze Mendes Dias e Ricardo Boaretto, a partir de situações que contemplavam laços familiares e de amizade. O espetáculo dá prosseguimento a uma pesquisa iniciada por Filipe Codeço e Vinicius Arneiro de unir Libras e português na cena artística. A peça-filme "Aquilo De Que Não Se Pode Falar", que estreou virtualmente em dezembro de 2021, contava com um ator surdo e outro ouvinte, e foi indicada a quatro Prêmios APTR.

Em "Língua", o desejo de dizer

alguma coisa e a impossibilidade de ser compreendido, não importa em que idioma, são as questões centrais da história. Durante uma comemoração de aniversário, vamos conhecer as relações desenvolvidas por um taxista surdo. Com lidar com a distância entre aquilo que se sente e a tentativa de dizê-lo?

"Embora tenha um ator surdo em cena, a gente nunca quis que o tema central da peça fosse a surdez. A maneira como a gente se organiza para contar essa história e a história em si é atravessada por esse fato, já que acompanhamos a relação de uma pessoa surda com o mundo, mas não é o ponto de partida", explica Vinicius Arneiro. "A

gente tem o desejo de trazer mais surdos para o teatro. Nós, ouvintes, nos habituamos a fazer sessões com traduções em Libras, mas sabemos que essas apresentações acabam esvaziadas de um público surdo porque não são peças pensadas pra eles. Claro que são iniciativas importantes, mas estamos em busca de uma maior integração. Em "Língua", fizemos uma criação artística efetivamente pensando nos dois idiomas", completa.

Este projeto pioneiro de integração entre surdos e ouvintes nas artes contou com a intérprete de Libras Lorraine Mayer durante todo o seu processo de ensaios. Assim foi possível a comunicação efi-

ciente com o ator Ricardo Boaretto, que vive o protagonista surdo.

"O que a gente vê nos espetáculos, em geral, são ouvintes fazendo papéis de surdos. E os surdos acabam não se identificando com aquele personagem", avalia Ricardo. "É preciso dar cada vez mais espaço aos atores com deficiência, e investir na criação de personagens surdos mais complexos, com várias camadas, pois ainda são muito raras na maioria dos espetáculos. Estamos agora em um momento de visibilidade desta luta, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido", completa.

Em "Língua", uma mãe prepara uma festa de aniversário para seu

filho surdo que cresceu rodeado de pessoas ouvintes. O encontro, que reúne um pequeno grupo de amigos do rapaz, revela não só afetos, mas também dilemas e a diferença cultural entre eles. É um convite para que possamos perceber como lidamos com a distância entre aquilo que se sente e a tentativa de expressar esses sentimentos.

SERVIÇO

LÍNGUA

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 30/6, de quinta a domingo (20h30)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)



Projeto pioneiro de integração entre surdos e ouvintes, 'Língua' contou com uma intérprete de Libras durante todo o processo de ensaios

Entre o desejo de dizer e a impossibilidade de ser compreendido

Rodrigo França estreia na próxima semana o espetáculo 'Eu Sou Hamlet', baseado no icônico personagem da dramaturgia shakespereana

Um dilema universal e atemporal



Após interpretar Martin Luther King Jr. no teatro, Rodrigo França retorna cinco anos depois à ribalta no mesmo teatro e em novo papel de peso. O monólogo "Eu sou um Hamlet" estreia na próxima quinta-feira (13), às 19h, no Teatro Firjan SESI Centro, sob direção de Fernando Philbert e com França na pele do clássico personagem conflituoso de William Shakespeare.

Se valendo da tradução realizada por Aderbal Freire-Filho, Wagner Moura e Barbara Harrington para o texto do bardo, a adaptação foi escrita por Jonathan Raymundo, Philbert e França – os dois últimos retomando a parceria iniciada no espetáculo "Contos Negreiros".

Utilizando as falas de Hamlet, a montagem coloca um espelho diante do mundo e reflete este tempo violento e pleno de segregações. Assim, nos evoca questionamentos acerca da sociedade de hoje, das relações humanas e da sua própria condição de humanidade enquanto homem negro no Brasil em sua jornada de autoconhecimento.

Uma das primeiras dramaturgias do ocidente que busca refletir a humanidade, a peça amplia os seus dilemas a partir de um ator negro em sua encenação. A proposta é trazer essa consciência da realidade ao personagem. Ser ou não ser? Estar consciente ou não?

Lançando luz ao mito da democracia racial no Brasil - ou no

reino da Dinamarca - esse Hamlet negro está diante do dilema de encontrar um discurso capaz de fazer repensar o hoje.

Dilema este que levou o próprio Rodrigo França a se questionar se deveria ser ou não ser o emblemático personagem nesta montagem. Reforça perceber como essa tragédia colonial gerou uma espécie de homem negro esvaziado de si mesmo e tendo que piratear uma humanidade falsa, capenga, sempre sob suspeita, sempre no limite.

O que se passa no negro quando ele se torna consciente da sua condição? Da vulnerabilidade da sua segurança, nos jogos e sistemas que o coloca nas posições sociais mais degradantes, na justiça que, ao invés de cega, o enxerga sempre e mais. Como não surtar? Como não querer se matar ou matar? Como suportar a vida neste mundo? É preciso que os ancestrais voltem para iluminar um coração à beira do abismo, em meio a batalha com esta cultura de monstros.

"Shakespeare foi popular em

sua época, o século XVI, ao encenar peças que se comunicavam com os mais diferentes tipos de pessoas, de nobres a populares. Não será diferente em nossa montagem. Não gosto da arte para poucos, com muros. Quero que a tia do Complexo do Alemão saia do teatro contemplada, assim como a madame do Leblon", defende Rodrigo França. Junto de Fernando, tiveram a ideia da montagem durante um papo no bar que levava o nome do pai de França, na Lapa.

"Pensamos em fazer um Hamlet com um recorte sobre o racismo e o pensamento sobre o homem comum diante desta sociedade que ameaça os direitos e liberdades. Apresentamos um Hamlet que observa a tensão do mundo e quer entender como se chegou a isto. 'Hamlet' é a peça que lança o ser humano como objeto de pensamento ao refletir sobre o que pode aguentar diante do mundo e suas engrenagens que esmagam uma pessoa negra, LGBT, pobre, que luta por jus-

tiça que deseja ir de encontro às regras sociais que privilegiam o poder. Em nossa montagem Rodrigo pensa e busca entender o que está em sua volta e, nesta batalha solitária, as vozes dos ancestrais lhe traz coragem para seguir e desafiar os augúrios", antecipa Philbert.

Para Rodrigo, estar à frente desta montagem é importante, sobretudo, para poder mostrar que os artistas negros podem fazer qualquer personagem. "É incrível pegar este texto, que reflete o ser humano, e colocar no corpo e na voz de um ator negro. A peça respeita a obra de Shakespeare e, mesmo assim, sugere outros lugares que ainda não foram mostrados. Porque amor, ódio, fúria e vingança são pautas universais, mas que diferem pela subjetividade que cada grupo propicia. Tais sensações são naturais, mas como se sente é construído socialmente. Este homem negro buscando descobrir quem matou seu amado pai vai para outro contexto", reflete França.

Para o ator, que divide seu tempo ainda como diretor, debatedor, filósofo, autor e escritor, a população negra ainda está em busca de ser humanizada no Brasil. "Só é tratado como humano aqueles que tem dignidade em suas estruturas. Estamos longe de uma equidade para existir uma reparação de nossas mazelas causadas pela escravidão. Contextualizando 'Hamlet', os nossos fantasmas (ancestrais) ainda clamam. O Hamlet de Shakespeare quer vingança; no Brasil, os diversos 'Hamlets' só querem justiça. Imagina se quisessem vingança? Não posso dispersar, pois os meninos estão morrendo lá fora. E temos muito o que fazer", argumenta Rodrigo França.

SERVIÇO

EU SOU HAMLET

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, nº 1 – Centro)
De 13/6 a 14/7, às quintas e sextas (19h), sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Rodrigo França: 'Contextualizando Hamlet, nossos fantasmas ancestrais ainda clamam'